

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1300 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 10

BRAGA

SABADO 1 DE ABRIL DE 1882

## SEJAMOS COHERENTES

A causa catholica e a causa legitimista tem de caminhar a par. A revolução ferindo do mesmo golpe a Igreja e as monarchias, marcou-lhes a mesma linha de combate.

Não podem os preconceitos da paixão partidaria, quer de um quer de outro lado, destruir um facto, claro e luminoso como o sol.—

Não podem os efeitos estar superiores ás causas.

Quem quizer praticar esta anteposição, pretenderá o absurdo.

Não é possível ser catholico sem odear de morte a revolução, nem é possível ser legitimista sem amar o catholicismo.

Pouco importa a questão de palavras deante da natureza dos principios, da sua essencia, applicada á vida social.

A philosophia sã não pode revestir-se dos frangalhos da politica enfermiza.

Triumphe a Igreja, triumphem as verdades do catholicismo, triumphará a legitimidade, que é a justiça e o direito, a suprema verdade da vida social.

—Façam-se catholicos á luz das crenças sinceras, e da coherencia dos principios, que se farão legitimistas, melhores que muitos que trazem ahí pendedes dos labios um credo mentido, e um nome aviltado.

Tudo o verdadeiro catholico será por sua espontaneidade legitimista, quando a força das occurencias designar o campo legitimista como unico capaz de resguardar e defender o sacratio da fé.

Mas para isto é mister que o partido legitimista ponha em prova a sua boa fé e a sua sinceridade.

Acima dos partidos está a humanidade, e acima da humanidade está Deus. Pôr Deus abaixo de tudo, é virar de pernas para o ar o corpo social, e n'esta posição humilhante, digam, que partido será forte, ou que partido não será ridiculo?

Esta interrogação abrange os dois campos, e tem resposta na boa logica.

O tempo que tudo gasta, as luctas que a todos fatigam, não podem deixar de produzir o rareamento nas filas dos partidos. As gerações consomem-se, e com ellas gastam-se as idéas e extinguem-se muitos interesses.—Quando o partido legitimista, que não é nenhuma Fenix, se sentir carente de refazer-se, onde ha-de ir buscar elementos

para a sua recomposição? Se um dia triumphar, ha-de fazer uma patria e uma nação dentro do seu exclusivismo?

Não terá de abrir os braços aos homens capazes de manter o paiz e os principios á altura de uma realidade effiçaz?

Quando tiver de sair do seu campo em busca d'esses homens, onde ha-de dirigir-se? Ao partido socialista por porque é inimigo da actual ordem de coisas? Pois não é o partido catholico uma garantia de vida para o partido legitimista? Não é ali que pôde encontrar crentes verdadeiros e consciencias escrupulosas e incorruptiveis?

E se não é possível que a Igreja seja absolutamente independente da politica; se as paixões mundanas não podem abandonar o homem em todas as suas relações sociais, onde querem que o partido catholico encontre um esteio fiel senão no seio do partido legitimista que é catholico, e filho amante e dedicado da Igreja?

Sejamos nós ao menos tão coherentes como são os revolucionarios, que não atacam a religião sem ferirem a legitimidade, nem promovem a ruina da legitimidade sem odiarem a religião.

O principio de liberdade não é o principio da revolução. Um jornal, decano da imprensa legitimista, já um dia disse—«verdadeiros liberaes somos nós os legitimistas por que nós amamos o respeito á igualdade da lei, o nosso direito que é livre, a nossa patria que é livre, o nosso rei que é livre!»

Os liberaes catholicos tem pois um credo bem semelhante ao credo legitimista, pois que se esses não querem ser os liberaes da revolução, como não querem a legitimidade que caminhar para traz, nem a que se vilipendia pelo indifferentismo demoralizador.

Essa legitimidade tambem nós a não queremos, pois que superiores a mesquinhos pyrrhonismos de uma politica ronqueira e impossivel, alcançamos com a vista mais vastos horizontes e mais honrosos intuitos.

Podemos pois afoitamente dar a mão a todos os catholicos seja qual for a sua procedencia. Se são catholicos nada temos a receiar d'elles. Se o não são tão sinceros como nós somos, visto que temos a consciencia da força inabalavel dos nossos principios politicos, não podemos temer que estes soffram o menor abalço com tal convivencia por mais estreita que seja. O contrario d'isto seria darmos um triste indicio da nossa perseverança.

Somos legitimistas, mas antes de tudo somos catholicos. Não podemos cerrar as nossas portas a quem a ellas bate em nome de Deus, nem deixar de acompanhar a quem nos chama em nome de nossa fé.

E isto com tanta mais lealdade, quanta é

a persistencia das nossas crenças retemperadas como as espadas dos nossos campees cujo aço mais facilmente se quebra do que se torce.

## RELIGIÃO

### ESPERANÇAS

O christianismo tem encontrado em todos os tempos poderosos adversarios mesmo entre os que se alistaram sob suas bandeiras pela iniciação do baptismo, e não são os maus sectarios das suas sublimes doutrinas os que lhe causam menor mal.

Sempre foi e será certo que os falsos amigos são mais prejudiciaes, que os adversarios declarados.

D'aquelles nos livrámos mais facilmente. Os seus golpes, por esperados, não ferem tanto como os que nos veem de quem os não contávamos.

Tambem nos magoam mais as offensas dos amigos. As ingratições custam a soffrer aos corações lavados, ás almas boas, aos que na simplicidade de seu proceder nunca esperaram que lhes fosse retribuido o mal pelo bem que praticaram.

E' porisso que a religião chora com duplicada razão as offensas que lhe proveem dos que mais obrigação tinham de a respeitar e amar, como fonte de beneficios largos, grandes e duradouros que tem sido para tantos que se distinguem por um notavel desrespeito para com ella.

E' a religião que distingue principalmente o homem dos outros animaes, que não sabem referir a seu auctor, como a fonte e principio de todas as coisas, pela gratidão e pelos mais actos que constituem o culto da Divindade, o gozo e fruição da vida e dos factos que compoem a historia do homem durante sua peregrinação na terra.

Só o homem, d'entre todos os animaes, tem a cabeça levantada para o ceu. E' que tambem só o homem foi constituido rei da criação e destinado para o alto, a que tem de chegar, merecendo-o por seu proceder sobre a terra, que ha-de fertilisar pelo trabalho, dominar por sua intelligencia, fazendo-a servir, como todas as creaturas que a habitam, como os peixes do mar e as aves do ceu, a seu destino particular, e por sua intervenção, á grandesa, bondade, omnipotencia e gloria de Deus.

Só o homem, entre todos os animaes, sabe ser grato a Deus, reconhecido a seus beneficios e proclamar a sua existencia, o seu supremo dominio sobre toda a criação. Esta crença e está protestação da existencia de Deus e do poder que elle tem de

empobrecer e enriquecer, de dar a doença ou de dar saude, de levantar ou deixar cair, de dar a vida ou a morte, tiveram-na e fizeram uso d'ella todos os homens, desde o começo do mundo até nós.

Abel, Noé, os patriarchas, fizeram sacrificios ao Senhor; a lei escripta ordenava-os, e os hebreus a cumpriam com rigorosa pontualidade.

Os pagãos carregaram sempre de victimas os altares e multiplicaram as expiações e abluções religiosas, e ergueram constantemente as mãos para o ceu, todas as vezes que mais sentiram a necessidade de Deus, nas horas da afflicção, da dor e do desconforto, que infelizmente não são poucas na curta existencia da vida humana.

E' que a idéa de Deus, que todos os homens tem, e que forma a base das sociedades humanas, das leis, do direito, da justiça e de todo o governo, traz necessariamente consigo a existencia d'um culto publico e particular que se manifesta nos actos do homem e do cidadão.

Mas se sempre a humanidade deu evidentes signaes de sua crença na Divindade, a cujo serviço attendeu de preferencia, ainda nos tempos em que a luz do Evangelho, apenas entrevista na caligem tenebrosa do futuro, não havia derramado pela face da terra a intelligencia e o amor de Deus, não ha duvida que o christianismo veio formar sobre a terra a mais vasta e numerosa, illustre e sabia congregação de verdadeiros adoradores do Senhor em espirito e verdade, como Elle quer ser adorado.

Esta associação d'origem divina, porque teve por fundador a Jesus Christo, que continúa a estar com ella e ha-de estar até o fim, pois que prometeu achar-se sempre no meio de dous ou tres que se reunam em seu nome, e que conta no seu seio quanto ha de mais nobre, intelligente, rico, sabio poderoso sobre a terra, chama-se igreja catholica apostolica romana, cuja cabeça visivel é o supremo pastor, o successor de S. Pedro, o Santissimo Padre, o Papa, e invisivel, o proprio Christo.

Esta igreja é comparada no Evangelho a dez virgens, cinco das quaes são prudentes e cinco são loucas, porque ha n'ella bons e maus, eleitos e reprobos e todos estão misturados até o fim, em que o Senhor separará uns dos outros, como o lavrador separa na eira o joio do trigo, a palha do grão e guarda um no celeiro e deita outro fora ou o queima com o fogo.

Ha-de pois haver sempre escandalos na sociedade religiosa e serão taes escandalos muitos, attendendo ao grande numero dos maus christãos, que na parábola, a que nos referimos, são tantos, quantos são os bons, visto serem tantas as virgens sabias,

## FOLHETIM

### FACTOS HISTORICOS

#### DIOGO ALVARES CORREIA

(O CARAMURÚ)

(Continuado do n.º 9)

Em outubro de 1525 (e não em 1503, como erradamente se lê na col. 1.ª, pag. 288, do 1.º vol. do *Diccionario de geographia universal, por uma sociedade de homens de sciencia*) Christovam Jaques, fidalgo da casa de D. João 3.º, foi, por ordem do rei, sendar os portos e examinar o con-

linente das *Terras de Santa Cruz*. Chegou no dia 1.º de novembro do dito anno de 1525, a uma formosa enseada, á qual, em attenção ao dia em que foi descoberta, deu o nome de *Bahia de Todos os Santos*.

Achou alli fundeadas, duas naus francezas, e hindo á falla, os seus commandantes lhe responderam com insolente arrogancia, pelo que Christovam Jaques, as metteu a pique. Pôz alli um padrão com as armas de Portugal, e seguiu, no rumo do sul, pela costa, até á actual cidade do Rio de Janeiro.

Alguns annos depois, Diogo Alvares Correia—nascido na rua do Tourinho, da villa (hoje cidade) de Vianna, hindo por capitão de um navio mercante, com destino a S. Vicente, naufragou na costa da ilha de *Itaparica*, junto á Bahia, territo-

rio então povoado pelos selvagens antropophagos, da tribu dos *tupinambas*.

Diogo Alvares, era de estatura agigantada, grandes forças e muita coragem. Seus companheiros foram todos devorados pelos selvagens, e elle—que pôde salvar uma espingarda, disparou-a contra um passaro, matando-o. O fogo, o estrondo do tiro, e o seu effeito, espantou aquella gente, que o tiveram por um deus, e lhe prestaram culto.

Um dos chefes, lhe offereceu logo para mulher, sua filha *Paraguassú*, e os outros lhe deram a escolher, para o mesmo fim, as mais bellas de suas filhas; de maneira que Diogo Alvares, teve grande numero de mulheres, e uma copiosa descendencia, da qual procedem muitas familias nobres, do Brazil, sendo uma d'ellas, a do visconde de S. Lourenço, que vive com opulencia, na cidade da Bahia.

Os *tupinambas* denominaram Diogo Alvares, o *Caramurú* (homem do fogo) e o fizeram seu chefe. Elle lhes ensinou a fabricar armas, e o uso das que se acharam no seu navio, e á sua frente, venceu os *tupias*, tribu visinha, que andava em guerra com os *tupinambas*.

Em 1549, Thomé de Souza fundou a cidade da Bahia, e o Caramurú fez então baptizar todos as suas mulheres, dando á principal d'ellas—*Paraguassú*—em memoria da mulher de D. João 3.º—o nome de *Catharina*, e o appellido d'elle—Alvares; desquitando-se das outras.

O Caramurú, morreu de avançada idade, a 5 de outubro de 1557.

(Conclue.)

PINHO LEAL.

Errata: no n.º passado (9) na 4.ª columna do folhetim—linha 7.ª, onde se lê 1837—deve-se entender por 1397.



como as lólas; mas não devem porisso arrefecer os estímulos nem affrouxar os esforços bons e as virtudes dos verdadeiros crentes.

O Senhor nunca falta com a sua protecção á verdadeira piedade e nunca deixará que a sua igreja seja vencida pelos seus inimigos, quer estes sejam filhos degenerados da mesma esposa de Jesus Christo, quer sejam estranhos; antes apparecerá o soccorro quando menos se faça conta d'elle, e a victoria da religião, quando muitos a consideram perdida.

Os inimigos da igreja já ha muito que lhe marcaram o tempo que ella tinha de vida. Esses inimigos morreram. A igreja está viva. Ella fez o enterro a muitos. Hade ver o enterro de todos os adversarios.

Está escripto. Disse-o Deus. Tudo passará; o ceu, a terra; tudo; mas ficará Deus, e a sua palavra, que é a verdade.

Mas a igreja não só está viva, mas está cada vez mais nova e mais moça. Ella pôde perder, aqui ou alli, muitos ou poucos de seus filhos, que na sua loucura e ingratição despresaram e empurraram de casa a mãe estremosa que os creara com tanto mimo e tantos cuidados e disvelos; mas por um que lhe sahiu degenerado, ella adquirirá cem que lhe entendam a voz amiga, as entranhas de misericórdia, de paz e caridade, a amem e respeitem, a honrem, e obedeam a seus ensinios, que são os mesmos ensinios de Christo, como os ensinios d'este são os ensinios do Pae Celeste, que o enviou e constituiu mestre, e julgador de genero humano.

Assim tem succedido sempre e assim hade continuar a succeder.

O Senhor disse a seus prégadores que fossem levar a outra terra a luz e a paz, quando os não recebessem na primeira onde começaram a semear a palavra divina, porque se aquelles não eram dignos de tamanha graça, outros os receberiam de braços abertos e de bom coração e fructificariam em obras de justiça e santidade.

Estas consoladoras promessas estão-se realisando ainda em nossos dias e são a esperanza de muitos para confiarem que ainda verão o triumpho completo da igreja em um periodo não muito distante.

Deus escreve direito por linhas tortas. A historia mostra-nos que a salvação tem vindo á igreja algumas vezes por seus proprios inimigos.

Estes fizeram-lhe grande mal, mas os males que lhe causaram, serviram de purificar a igreja, de a unir mais a Deus, fonte de sua força; e quando a expiação esteve cheia, o braço de Deus deixou de pesar sobre a igreja e cahiu sobre seus inimigos, que morreram miseravelmente, confessando alguns, como Juliano Apostata, que eram os homens impotentes contra Deus e contra suas obras, n'aquella exclamação d'odio, que lhe sabiu da bocca ao cabir para nunca mais se erguer: venceste, Gallileu!

Como o povo de Deus foi vencido sempre que se apartava da lei recebida no Synai, e vencedor sempre que a cumpriu á risca, assim os christãos estarão em paz e triumpharão de todos os inimigos da alma, se de todo o coração guardarem os mandamentos do Senhor.

Unamo-nos todos em espirito de verdadeira fé, esperanza e caridade e rognemos ao Deus da paz e de misericórdia para que dilate cada vez mais os dominios do Evangelho, e duplique os triumphos da Igreja, que são os triumphos do bem, da moral, da justiça e da religião; a protecção do pobre, da viuva, do orphão, a luz da verdade, a paz da consciencia, o reinado da liberdade dos filhos do Senhor, e da dignidade humana.

O Senhor acabe a obra que começou com tanto contentamento para os corações dos verdadeiros catholicos, fazendo-nos antever que não deixarão de ser attendidos nos conselhos das nações os votos e os direitos da santa igreja e de seu legitimo chefe, violentamente despojado do que era seu por mil títulos de justiça e de que precisamos todos os crentes por mil razões de garantia da independencia e de liberdade de nossa fé, de independencia e de liberdade de creença e de acção de nosso pae commum, o Santissimo Padre Leão XIII.

## MOYSÉS

Por considerações hygienicas e mais ainda para se distinguirem dos de mais povos, usavam os egypcios a circuncisão. Nunca comiam com estrangeiros, nem se

serviam de talheres que não fossem de fabrica nacional. Nos banquetes um servo ia tirando as sandalias aos convivas que chegavam, e outro lhes offerecia agua e perfumes. Depois da ablução, cada commensal recebia uma grinalda e uma flôr de loto. Auctores antiquissimos referem que, quando o festim estava no maior calor, era costume apparecerem alguns escravos com um feretro e dentro uma mumia, a qual passeavam á volta da mesa, dizendo para os convidados: Bebei e gozae que não sabeis quando sereis como este!

No tempo a que nos reportamos, isto é, no tempo de Moysés, já a agricultura e o commercio tinham attingido entre os egypcios um alto grau de perfeição e prosperidade. Os egypcios attribuam a Osiris a invenção do arado, invento mais util ao genero humano que todos os outros sabios descobrimentos, porque o arado é o principal instrumento da agricultura e esta a mais proveitosa das artes. Com o fim de a proteger e desenvolver foi que o celebre principe Papi-Mairi (o Moeris dos gregos) mandou abrir o famoso lago que teve o seu nome, obra monumental, prodigioso esforço do poder humano, levado a effeito não para satisfação da vontade de um tyranno, mas para justificação d'uma utilidade incontestada. Ha annos descobriram-se as ruinas consideraveis do seu dique immenso no platô superior do Heptanomia (Fayum moderno), assim como os escombros de dois grandes macissos pyramidaes, que não podem ser senão as duas pyramides de que falla Herodoto e que se erguiam no meio do lago, corvadas por estatuas colossaes. Servia para receber a excedente das aguas do Nilo nas grandes inundações e restituil-as ao Egypto inferior nos annos de estiagem.

Uma prova de que o commercio era muito activo é o facto da nação se não arriugar com as infinitas revoluções que soffreu e conquistas de que foi victima. Havia amplas e commodas estradas que levavam á Ethiopia e Merae; outras que penetravam até ao Niger ou conduziam á Armenia, ao Caucasus Palmira e Bactriana. Os estofos e diamantes da India e alguns vasos e outras preciosidades chinas encontradas nos sepulchros, attestam que as suas relações mercantis se estendiam ás mais afastadas regiões. Rhamses—Sesostris, depois das suas longas e gloriosas conquistas, além dos numerosos canaes que mandou abrir á custa do ouro dos despojos colhidos, canaes que derramaram a fertilidade por todo o paiz, facilitaram as communicações interiores e serviram de defensão ás irrupções exteriores, diz-se que teve a idéa de abrir um entre o mar Vermelho e o Mediterraneo, pelo Nilo, empreza muitas vezes começada, mas só realisada no tempo dos Ptolomeus. A ser assim, conjectura-se com alguma razão que os judeos, estabelecidos no Egypto desde Abrahão, supportáram uma parte d'estes duros trabalhos, o ultimo dos quaes de certo era levado a effeito para facilitar as relações commerciaes com os povos banhados pelo oceano Indico.

Fundados em que a immobildade é o principal caracter dos governos theocraticos, alguns auctores tem querido mostrar que no Egypto houve um espirito de resistencia a toda a especie de invenção, quer nas leis civis, quer nas bellas-artses. Dizem que em architectura, em pintura, em esculptura, o artista era obrigado a guiar-se por certos typos convencionaes, por certas tradições cansagradas pela religião. Ora isto não é tanto assim, porque então tambem nós podiamos dizer o mesmo dos artistas modernos que ainda hoje seguem como ideal do bello, os modelos que nos legaram os grandes mestres. A arte egypcia passou por diversas transformações, teve seus periodos de prosperidade e de decadencia. Primeiro chegou a um alto grau de perfeição, mas este magnifico desenvolvimento foi detido pela invasão dos hyesos, que no seu furor fanatico destruíram tudo. Quando os pharaós da decima oitava e decima nona dynastia entráram na posse do seu antigo reino, quasi que só encontráram ruinas. Porém com a independencia renasceu uma arte mais bella, mais formosa ainda. Os antigos monumentos forão reconstruidos e outros novos edificadas. Foi uma epocha de esplendor que corresponde pouco mais ou menos ao tempo dos acontecimentos que em breve vamos narrar. Devemos observar com relação a estatuaria que, sendo certos animaes symbolos de determinados deuses, os membros d'uns e d'outros confundiam-se nas produções da arte. D'aquí estas figuras extravagantes, estas

composições estranhas, estes deuses de cabeça de gato ou de gavião, estas esphinges metade mulheres, metade leões.

Tem se imaginado muitos systemas para explicar a origem e o fim das pyramides, prodigiosas construções que se estendiam por uma superficie de 25 a 30 legoas, e que são e serão sempre a admiracão e espanto dos viajantes. E' porém fóra de duvida (o que já reconheciam os antigos) que serviam de tumulos reaes. Encontrou-se n'uma o esquite, o nome e a mumia de um dos reis que a mandáram construir. «Levantar collinas artificiaes sobre os despojos dos homens celebres, diz Ampère, é costume inteiramente conforme com as idéas de todos os povos.

umas vezes é um monticulo de terra; outras, a imagem do monticulo feita em pedra. Chegou-se assim por transições insensíveis, do comoro conico das montanhas da Escocia, dos valles scandinavios, da planicie de Troia ou das margens do Ohio, aos tumulos dos reis lydios aos *topas* da India e ás pyramides do Egypto.» A maior de todas, a de Giseh, não custou, segundo o auctor de Halicarnasso, menos de vinte annos de trabalho, não tomaló em conta o tempo que levou a fazer uma calçada para a conducção das pedras que vinham da Arabia, etc. Só no transporte dos materiaes se empregavam todos os tres mezes 100.000 homens.

Mede 152 metros de alto e 232,775 de base, e com excepção d'um pequeno numero de compartimentos, dous corredores e duas estreitas janellas, é toda macissa. Dava para a fabrica de um muro de 3,956 de alto e de 500 leguas de comprimento. O que admira é a perfeição orientação das suas faces que olham exactamente para os quatro pontos cardaeos.

Quando se falla das pyramides, difficil é o deixar de fallar da esphinge colossal que se vê proximo a estes gigantescos monumentos, e que é como um appendice d'elles.

Representa talvez a mais antiga das divindades egypcias e tem 29,673 de comprimento e 24,398 de altura. E' cortada nas rochas em que assenta; as fiadas dos rochedos dividem-lhe as faces em zonas horizontaes, estando aproveitada uma d'estas linhas de separação para a bocca. Esta grande figura mutilada, meia estatua, meia montanha, diz o penultimo escriptor que citamos, é d'um effeito prodigioso; é como uma appareição eterna. O fantasma de pedra parece attento; dir-se-hia que escuta e perscruta. A sua grande orelha parece recolher os sons do passado; seus olhos, voltados para o oriente, parecem espiar o futuro; a vista tem uma agudeza e verdade que fascinam.

Em toda ella se observa uma magestade singular, uma grande serenidade e mesmo uma certa dogura.

Augusto Semblano.

## CORRESPONDENCIA

Londres, 20 de Março de 1882

(Do nosso correspondente)

Isto de a gente ter visto os 82 Janeiroos decorridos no seculo XIX, se tem seus inconvenientes, não deixa tambem de ter suas vantagens—que a Divina Bondade e Providencia assim nos repartiu n'este mundo os bens e os males; isto, para que pensemos n'ellas, e em que ha outra vida onde, para quem o merece, não ha tal miseria, e tudo é *ouro puro* sem liga de metal inferior.

Uma das vantagens é, ter-se n'esse tempo visto e ouvido muito, e poder lembrar-se de muita cousa que muita gente hoje não sabe já, ou n'ellas pensa. E uma d'essas cousas que todavia merece muito saber-se e reflectir-se n'ella, é a differença essencialissima entre as maçonarias Inglesa e Irlandeza, de um lado, e a Franceza do outro. Diferença tal é esta, que pôdem aptamente comparar-se, a primeira a uma associação benéfica, recreativa e caritativa; a segunda a um bando de fanaticos egoistas; presumpçosos e ambiciosos.

Ha mais de 60 annos, isto é, já em 1820, a *vox populi*, que muitas vezes se pôde realmente interpretar *vox Dei*, no sentido de exprimir a verdade; fazia uma differença grande, essencial, entre a maçonaria ordinaria ou commum (então ainda muito recolhida e encapotada entre nós); e a maçonaria Inglesa: como se esta segunda fosse innocua, e mesmo, em certos respeitoos, meritória.

Assim, por exemplo, se ouvia dizer, que o general Povoas, o visconde de Motellos, o Almirante Quintella, e mais alguns assim, eram *maçons Ingleses*; e por isso não eram revolucionarios, mas fieis ao governo e constituição legitima do Reino?.

Onviram-se estas cousas, e eu as ouvi muitas vezes; mas, na verdade, nem eu, nem talvez um em cem dos que com o simples povo isto repetiam (e conjecturo eram idéas colhidas durante as campanhas da Peninsula, por conversações entre nossos militares e os Ingleses), sabiamos em que realmente consistia a differença entre as maçonarias, de que se fallava.

Aqui em Inglaterra, tinha eu visto, ha bastantes annos já, o retrato do celebre *Hypolito*, o Redactor que foi por 20 e tantos annos do muito interessante e valioso *Correio Braziliense* (cuja collecção possu-o, e tal retrato é decorado com as insignias maçonicas. Não sendo porém Hypolito um revolucionario á Franceza, fazia-me embaraço vel-o assim decorado com insignias de uma associação que eu tinha toda por anarchica; salvo, se com effeito, houvesse maçons de duas castas.

Ao folhear outro periodico Portuguez, que tambem aqui se publicou, e que era Legitimista, encontrei um artigo, onde o Redactor do papel, assás conhecido, intitulado *O Padre Amaro*, falla das duas especies de *Maçons*; estigmatizando fortemente os Maçons Continentaes ou Francezes, e dizendo, que com-esses nem ella nem gente honrada pôde ou quer ter associação ou parentesco, etc.—isto em termos muito severos.

Por outra parte, o Duque de Supex, tio da Rainha Victoria, e que, enquanto viveu, foi o Grão-Mestre da maçonaria Inglesa (como agora é o Principe de Galles), era Legitimista, e dizia que o Throno Portuguez pertencia indubitavelmente a El-Rei D. Miguel. E um seu mais intimo amigo e confidente, Mr. *d'Arcy Talbert*, intimo amigo meu tambem, era um dos mais zelosos e decididos sustentadores da Legitimidade Portugueza—podia, se preciso fosse, apresentar documentos authenticos, já manuscritos, já impressos, em prova do que acabo de dizer.

Todas as circumstancias e factos que acabo de ponderar, comparados com o que eu sabia de maçonarias e maçons ordinarios em Portugal; me produzia uma confusão e perplexidade que mal podia deslindar. Ao mesmo tempo que via aqui as principaes lojas maçonicas terem um *capellão*, e este ser, muitas vezes, o proprio parochio Protestante da localidade.

De mais, quando o actual Vice-Rei da India Inglesa, o Marquez de Rippon, (antes de se fazer catholico decidido e devoto, como agora é), era o Grão-Mestre da Maçonaria Inglesa (que, por elle a deixar, lhe substituiu no Grão-Mestrado o Principe de Galles), lembra-me, (e ahí tenho no *Times* o relatório authentico), que a maçonaria Inglesa, foi em procissão collocar a primeira pedra de uma igreja (Christã)—indo todos os dignatarios e todos os simples maçons mesmo com todos os seus pendurcalhos e insignias de seus postos. E assim assistiram a um grande banquete por tal occasião; onde um dos dignatarios, que era um dos membros do gabinete, stigmatizou a maçonaria do continente, e disse, que felizmente, a Inglesa era de outra qualidade muito distincta.

Apezar de todos os factos e circumstancias authenticas que deixo relatados; não podia eu ainda tirar a limpo inteiramente a differença, grande, essencial, decisiva, das duas maçonarias Inglesa e Continental ou Franceza. Ha cousa de dois annos e tanto (não tenho tempo de ir agora folhear os meus papeis e a collecção do *Times* onde estão todas as noticias e documentos officiaes e authenticos), o Oriente maçonico Francez communicava officialmente ao d'Inglaterra e ao d'Irlanda que tinha demittido o Altissimo, a Deus, de toda a auctoridade e intervenção nas cousas d'este mundo—que era ella a senhora maçonaria Franceza, que tomava o lugar do Todo Poderoso.

O grande oriente Irlandez sem mesmo consultar o d'Inglaterra, respondeu ao Francez, que d'ora em diante, não queria mais communicação, camaradagem ou relação alguma com o de França, ou com a athea maçonaria Franceza; e ao mesmo tempo, communicou esta sua preemptoria resolução ao grande Oriente Inglez.

Reuniu se por tal occasião, grande assemblêa do grande Oriente Inglez, presidida por Lord Carnarvon (ainda então Ministro das Colonias), Vice-grão-Mestre



maçonico, em logar e por auctorisação do Príncipe de Galles.

Como era um dos membros do Governo, e sabia como a dissidência das duas maçonarias por força fazia sua differença nas relações dos dois governos; Carnarvon ficou de muito mau humor, por causa do accidente. Mas, como se achava na collisão, de baptisfazer ou á Irlanda ou á França, foi forçoso arranchar com a primeira.

Este celebre acontecimento, me veio finalmente esclarecer sobre a verdadeira e essencial differença das duas maçonarias.

Eis aqui, pois, afinal bem e plenamente explicados os rumores que ha tantos annos corriam vaga e indistinctamente entre o nosso povo, sobre a differença de duas maçonarias; e como a nossa miseravel e ridicula maçonaria Portugueza, se mancipou absolutamente á Franceza, porisso vemos e ouvimos todas as mui ridiculas manifestações anti-christãs, anti-religiosas, materialistas (e realmente materiaes e estupidas), que por lá exhibem, mui cheios de si, os nossos Liberaes papalvos—os mais ridiculos «despresiveis animaes; as mais miseraveis e nojentas creaturas de dois pés que se encontram na Europa inteira.—No Times de 17 do corrente vem um artigo muito medido e cauteloso sobre a raiva anti-religiosa do actual Governo e partido dominante em França; desapprovando, bem que mui cautelosamente, os desatinos anti-religiosos ali.

A. R. Saraiva.

### REPRESENTAÇÃO

Em seguida publicamos a que o honrado corpo do commercio d'esta cidade, derigiu ao governo.

É um documento importante que nobilita de certo modo a illustrada Associação commercial, a quem o nosso commercio entregou a sua vigilancia. A sua linguagem é clara, inergica, e baseada somente na justiça que lhes assiste.

Fulgamos que sejam attendidos.

Representação dirigida a Sua Magestade, pela Associação Commercial de Braga, acerca do regulamento do real de agua.

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup>, para a fazer subir ao seu destino, a representação, que a associação commercial, d'esta cidade, dirige a Sua Magestade, em que se pede modificação e alteração no regulamento do imposto do real de agua.

Como V. Ex.<sup>a</sup> muito bem sabe, o regulamento em questão não tem dado bons resultados, quer para o thesouro, como para o contribuinte.

Não é claro em alguns pontos: não é racional em muitas das suas disposições, e não é justo no seu conjunto; e como esta direcção está convencida de que nenhum tributo se pôde justificar se d'elle se não deriva immediato interesse geral, e se não incide sobre materia e factos de facil verificação, fica esperancada de que o governo, a que V. Ex.<sup>a</sup> preside, tomará na devida consideração este assumpto de tão alta importancia publica.

No estado actual, o commercio d'esta cidade tem de ver-se na triste contingencia de, ou zelar os seus interesses e incorrer nas penas do regulamento, ou cumprilo e deixar-se prejudicar constantemente.

Sobsiста o imposto, mas previnam-se e evitem-se os abusos de pagamento e de fiscalisação, pois que de um o outro lado os há, e grandes.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>

Associação Commercial de Braga, 21 de Março de 1882.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, Presidente do Coselho de Ministros e Ministro dos Negocios da Fazenda.

SENHOR:

O regulamento do imposto do real de agua, de 29 Dezembro de 1879, contém disposições, que são motivo de continua perturbação, constante ameaça e embaraço para o commercio licito, sem proveito nem

vantagem para o thesouro, pois que as estatísticas do rendimento d'este imposto, na maioria das localidades do reino, accusam um notavel descrecimento. Não é porque o regulamento não seja farto de disposições arbitrarías, de expedientes desarrazoados e de preceitos pouco consentaneos com a nossa indole e costumes. Mas, porque é vexatorio, autorisa a resistencia, porque é confuso, dá largas a prepotencia, porque é embaraçoso, motiva o abuso, e, que depende da intervenção de muitos, impossivel se torna a sua execução, com gravissimo prejuizo para o thesouro, e para o commercio, pois que um e outro se emprobrece e desacredita. E que assim é, e que a fazenda publica não pode dispensar esta parcella de receita, parece-nos de toda a conveniencia, melhor razão e prudencia, que o governo de V. Magestade, houvesse por bem em seu alto conselho, de adoptar ensaiar outros meios e modos de arrecadação, que, sendo talvez mais productivos e garantia quasi segura dos direitos da fazenda publica, seriam menos odiosos, enredados e vexatorios.

A classe commercial, Senhor, quer concorrer para as urgencias do estado; quer e deseja que se melhore as nossas finanças, pois que d'isso depende a salvação do estado, e a fortuna e bem estar de todo o paiz. Mas, Senhor, não é justo que o commercio esteja á mercê do arbitrio mal intencionado, e dependente da imprudencia ou inhabilidade de qualquer dos muitos empregados, a quem compete a interpretação e execução do regulamento, e a fiscalisação e arrecadação de similhante imposto.

É indispensavel que o commercio tenha a maior liberdade possivel, garantindo-se-lhes o seus legítimos interesses, para assim poder satisfazer aos pezados encargos a que está obrigado. Mas a fiscalisação preceitual pelo regulamento nada garante nem aproveita ao thesouro, nem ao commercio licito, e, servindo de pretexto para prepotencias e abusos, origina graves embaraços e não pequenos prejuizos para todos. A fiscalisação d'este imposto, pelo systema adoptado é de resultados negativos. Não vale o que custa, e o estado não pôde nem deve impôr sacrificios, para fazer despesas improductivas.

SENHOR:

Um regulamento, que em theoría dispõe que—*não poderá exigir se impostos do real de agua d'aquelles generos que já o tiverem pago* (artigo 3.<sup>o</sup>) e que na pratica exige que se pague o imposto tantas vezes quantas as da revenda dos generos: um regulamento, que isenta do imposto de real de agua, as bebidas estrangeiras, que tiverem pago os direitos de importação pela pauta geral das alfandegas, quando forem superiores ou iguaes aos direitos de consumo em vigor (n.<sup>o</sup> 2 artigo 106.<sup>o</sup>) e consente que depois se apprehendam essas bebidas para pagamento do imposto de que estão isentas; um regulamento, que preceitua e determina a formalidade dos documentos com que devem fazer-se acompanhar os generos, que já tiverem pago o imposto, e deixa ao arbitrio o poder-se maisinar de insufficientes e falsos esses documentos, suguitando a prejuizos e vexames os apresentantes; e ainda mais, senhor, um regulamento, que autorisa a denuncia, e cobre com a impunidade o denunciante falsario e mau (§ 4.<sup>o</sup> artigo 85.<sup>o</sup>) que põe á merce e capricho do primeiro empregado imprudente e mau a inviolabilidade do domicilio do cidadão, (artigo 17.<sup>o</sup> a 20.<sup>o</sup>) que autorisa o abuso, que sanciona a falsidade, e premeia a prepotencia, é insustentavel, absurdo, anti-liberal e iniquo.

Esta associação não pede que a classe, em nome da qual peticiona, seja desobrigada do pagamento do imposto, pois bem conhece quanto d'elle carece o thesouro publico. A classe commercial quer e deseja pagar o que for de direito e boa justiça, mas pede que seja alliviada dos vexames a que se vê sujeita. Fiscalise-se bem e a tempo, onde e como deve ser: proceda-se rigorosa e severamente contra os infractores, contra os contrabandistas, mas respeitem-se aquellos que sabem respeitar as leis, e não se vexa e prejudique o commercio licito. Parece a esta associação que podia e devia ensaiar-se outro meio de arrecadação e fiscalisação, que melhor garantisse os direitos da fazenda, e os legítimos interesses do commercio. Se todos os generos importados, do estrangeiro ou das provincias ultramarinas, pagarem o imposto

na alfandega ou delegação da entrada, e os generos nacionaes pagarem no local da producção, não vemos inconveniente em que transitem livremente os generos sujeitos ao imposto, de concelho para concelho e de localidade para localidade sem estorvo nem embaraço, sendo tomados todos aquellos que, em transitio, não forem acompanhados da guia de pagamento do imposto. E, como o arroz nacional, e é d'este genero que ha mais descaminhos, tem locais certos de producção, estabeleçam-se ali ou nos moinhos da descasca delegações da alfandega ou postos fiscaes, que seria talvez o mais commodo e menos despendioso. Ou então concedam-se as avenças, pela media do imposto dos annos anteriores, a todos que as pedirem, o que em nada prejudica o thesouro. Ou ainda, mas isto só em ultimo caso, criem-se muito embora e estabeleçam-se barreiras apertadas, e fiscalise-se ali, mas haja toda a liberdade dentro das povoações, e que os generos transitem de concelho para concelho sem tropeços nem embaraços que se não consintam vexames, em despróveito da fazenda com grave descredito do commercio.

Facilite-se a cobrança e assegure-se a arrecadação e, d'este modo, terá o thesouro muito maior receita, sem necessidade das despesas que está fazendo.

Esta associação espera que Vossa Magestade receberá com a costumada clemencia esta supplica, e que a mesma será attendida como é de justiça.

Associação Commercial de Braga, 20 de Março de 1882.

E. R. M.<sup>co</sup>

### A Direcção.

José Ferreira de Magalhães  
José Fernandes Valença  
Manoel Joaquim Dias Pereira  
Joaquim José Gonçalves Salgado.

### NOTICIARIO

**Festividade das Dôres.**—Esteve esplendida, megestosa, e digna da Mãe de Deus.

A armação suprehendeu-nos o bom gosto e desempenho: a musica e voses encantou-nos e o sermão arrebatou todo aquelle repleto auditorio, que, com o maior respeito e admiração ouvia a palavra sagrada, que sahia como facho de luz, dos labios do grande sacerdote, do ministro de Christo, do abençoado filho d'esta nossa Roma Portugueza, o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente cathedratico da Univesidade de Coimbra. É assim a missão de verdadeiro sacerdote: o seu verbo é Deus.

A politica, e o *prégar de si*, é só para os comícios republicanos e revolucionarios. A digna meza da Irmandade de Nossa Senhora das Dôres é digna de maiores elogios.

**Melhoras.**—O Ex.<sup>mo</sup> Dr. João Dias, digno arcepreste d'esta archidiocese, achase melhor do incommodo de que foi acometido. Estimamos.

**A Inauguração do Elevador.**—Teve lugar no dia 25 do corrente como haviamos annunciado, a inauguração do Elevador—*plano funicular Gomes*.—Eram 11 horas e meia da manhã quando o Ex.<sup>mo</sup> Snr. deão da Sê Primaz, acolitado, e acompanhado dos Revd.<sup>mos</sup> Capellães da mesa do Real Sanctuario, e mais convidados, deu principio á benção dos carros e mais aprestes do Elevador. Em seguida á benção principio aquelle admiravel machinismo a funcionar conduzindo em 1.<sup>o</sup> lugar as pessoas mais gradas, e assim por diante até apresentar no cimo da montanha toda aquella nuvem de povo que havia afluído ao ponto designado, para a benção.

Depois, teve lugar um solemnisimo *Te-Deum* em acção de graças ao Todo Poderoso, no magestoso templo do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, a que assistiu a Mesa, convidados e demais fieis, presidindo o mesmo Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> deão. Findo o acto religioso, o heroe da festa, o Snr. Manoel Joaquim Gomes, offereceu a todos os convidados um abundantisimo *lunch*, que começou pela 1 e meia hora da tarde e terminou ás 4.

As pessoas mais consideradas ocuparam os lugares que lhes competia, correndo tudo com a melhor harmonia e completa ordem.

Os brindes, completaram o fecho real d'aquella brilhantissima festa—: cada um dos convivas, como que á porfia, pronun-

ciava, em lingoagem correcta e termos mimosos, o seu brinde, saudando o incausavel moço, a quem se deve o importante melhoramento—*plano funicular Gomes*—de modo que suas palavras collassem dentro de sua nobre alma.

Na verdade, todos foram felizes, mas, o brinde levantado pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. João de Mendonça, foi o que levou a palma a todos, porque, não só feriu e comoveu o coração docil do anjo da festa, senão tambem fez assomar ao rôsto de todos os convivas, lagrimas que para nós, teem maior preço do que o finissimo brilhante.

Faltou, (emfim faltas sempre as ha) quem n'aquelle lugar, levantasse um viva á Religião Catholica, e ao SS. Padre Leão XIII, porque, toda aquella festa se deve á Religião, já porque foi o Cardeal D. Jorge da Costa que lançou a primeira pedrinha n'aquelle antigo monte de espinho, então um silvado de matos grossos e lenhas; já porque o Snr. Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles roteou a espessa montanha desde o Arco até ao Sanctuario, edificando de espaço em espaço as capellas, nas quaes se representam os passos da Sagrada morte e paixão de Christo; e já emfim, porque a tudo, quanto ali se vê e admira, precedeu sempre o espirito religioso, concedendo a Santa Sé immensas graças e beneficios á Irmandade do Real Sanctuario; portanto já se vê que foi esquecimento, pois n'aquella mesa estavam sentadas pessoas de reconhecido zelo religioso.

Tambem nos parece, que pelo mesmo motivo não foram convidados os Revd.<sup>mos</sup> Capellães, que assistiram á benção e ao *Te-Deum*.

Felicita-mos pois o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Manoel Joaquim Gomes, e folgaremos de ver um dia o seu retrato em semetria com o do Ex.<sup>mo</sup> dr. Antonio Brandão Pereira, porque é digno d'isso, e a mesa que assim procedesse, jámais se arrependeria de collocar na sua galleria o retrato de mais um bemfeitor. Esperamos que assim succeda.

**Fuga.**—Na 5.<sup>a</sup> feira pelas 9 horas da manhã, e por ocasião de se descarregar na cadeia um carro de carvão, desapareceu d'ali um prezo, que se achava condemnado por toda a vida. Era o mesmo que á tempos havia fugido do hospital de S. Marcos. O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dor. Delegado tem sido incausavel para a captura do foggitivo.

**Desgraça.**—Na 2.<sup>a</sup> feira de tarde, na rua da Escoura, um dos bois que puxava um carro, deu um pontapé em uma criança de 4 annos, deixando-a logo morta.

O carreiro foi prezo.

**Garotagem.**—No campo de D. Luiz 1.<sup>o</sup>, e por occasião da distribuição do rancho aos soldados, é tal a garotagem que ali acode, que incommoda horrivelmente não só o publico no seu trajecto, mas tambem os moradores d'aquelle local.

Palavras obscenas, gritaria pancadaria e o dabo a quatro. Pedimos ao intelligente e bondoso Snr. Commissario de policia, que dê as suas ordens, acabando com aquelle inferno.

### COMMUNICADO

#### Mestre Alfaiate!!

O mestre alfaiate Gumarães, da rua do Alcaide, annunciou que fazia peças de obra, pequenas a 300 reis e grandes a 1\$200 rs., exceptuando as lapellas que essas são a 1\$800 reis.

Não é preciso ter grande pratica do officio, para conhecer a grande *entrujisse* d'este mestre que á ultima hora quer ser o primeiro barateiro d'esta cidade.

Alinhavar não é cozer, senhor mestre; e se por aquelle preço o mestre se responsabilisa a fazer boa obra e limpa, n'esse caso escusa de andar a fazer uma triste figura, mendigando freguezia por meio de papeis, pois é ridiculo e baixo; appareça e terá muitissimo que fazer.

Mas ávante, continue com os seus progressos, pois já mestre Leandro protesta contra similhante *entrujão*.

Pela nossa parte parabens mestre.

Braga 31 de março 1882.

Joaquim Maria da Silva,  
Joaquim Queiroz Cabreira.

(Segue-se o reconhecimento).



ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito d'esta cidade e Comarca de Braga e cartorio do escrivão do segundo officio, João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de trinta dias, citando, chamando e requerendo todas as pessoas incertas e quaesquer credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, que se julgarem com algum direito e acção ao casal do finado Manoel Clemente Salgado Carneiro, morador que foi n'esta cidade, para que venham dentro d'aquelles prazo que começará a correr na fórma da lei, deduzir e allegar seus direitos ao inventario a que se procede por seu fallecimento pendente no cartorio do referido escrivão, assistindo aos termos d'elle, sob pena de a sua rebeldia seguir os mesmos seus termos e ser por sentença julgada. Leva este annuncio collada uma estampilha do valór de 10 reis devidamente inutilisada.

Braga 15 de Março de 1882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

(26) Adriano Carneiro de Sampaio.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

LOTERIAS

EXTRACÇÃO A 4 DE ABRIL

Principia ás 11 e meia horas de manhã. De tarde estará patente o telegrama dos premios maiores; ha apenas um resto de vilhetes, meios decimos, oitavos, quartos e fracções de diferentes preços. Estão á venda na casa de Cambio e Lotarias na Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Encontra-se n'este estabelecimento um bom sortido de Bilhetes de Loteria, para todos os sorteios.

Agente de Antonio Ignacio da Fonseca e de João Candido da Silva, n'esta cidade, IGNACIO TORRES, Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Faz sciente que vendeu, da loteria de 24 de Março, os seguintes premios.

4414 em cautelas.. 200\$000 reis.

2714 em cautelas.. 100\$000 reis

990 em cautelas.. 100\$000 reis

1608 em cautelas.. 100\$000 reis

977 em cautelas.. 100\$000 reis

Na mesma casa fazem-se chapeos para

Carimbos de Borracha

Que servem para marcar muitos e diversos objectos, especialmente papel, roupa branca, madeira e sola, e até no proprio vidro ou crystal, etc.

Fazem-se estes carimbos pelo systema inglez o mais perfeito e conhecido, e garantidos por 15 annos, de 1\$000 reis para cima e em todos os formatos, que se possam imaginar, etc., etc.

Estes carimbos pela sua perfeição são preferiveis aos de metal ou de outro qualquer material, dando resultados os mais satisfatorios. Fazem-se com armas e emblemas e monogramas e mesmo firmas ou nomes a imitar a propria assignatura (fac-similes), etc., á vontade do pertendente.

Carimbos de borracha, calendarios grande novidade.

Quem pretender, dirija-se por escripto ou pessoalmente a Antonio Germano Ferreira, travessa de S. João, n.º 14.—Braga.

Senhora e criança, de vesita, e de Campo, á moda de Paris; assim como se compõe os mesmos; preços commodos.

Na mesma casa se encontra um bom sortimento de camizas, colarinhos, punhos, mantas e gravatas, tudo alta novidade.

COLLEGIO

DE

SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473

PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bõa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante.

Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

MISSAL ROMANO

EM

PORTUGUEZ

PELO PRESBYTERO

Manuel Damaso Antunes

Concluiu esta importante publicação a mais completa no seu genero, e que comprehende tambem orações de preparação para a Missa, e orações em acção de graças, bem como as visitas ao Santissimo Sacramento, que todo o catholico deve fazer ao entrar na Egreja.

E' um livro de pequeno formato e elegante, nitidamente impresso, proprio para senhoras levarem á Missa e acompanharem em todas as palavras o sacerdote no santo sacrificio.

Tem a approvação indispensavel dos Prelados da Egreja Lusitana.

Preços

Por cada exemplar, em folha.. 1\$200

Por cada exemplar, encadernado..... 1\$400

Por cada exemplar, encadernado em marroquim com

folhas e capas douradas..... 1\$800

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao mesmo Presbytero. R. Formosa 79—1.º

LA MOSCA

JORNAL DE CARICATURAS

Preço por 3 mezes ou 12 numeros, 400 reis.

Publicou-se o numero 45, e está em publicação o numero 46.

Toda a correspondencia será dirigida ao gerente do Jornal La Mosca, Travessa do Cêgo. á Praça das Flores, 23, Lisboa.

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416\$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, pôde dirigir á

meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca a constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario,

(16) Gabriel Angelico de Carvalho.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

O DIABO

SUA EXISTENCIA E SUAS OBRAS

POR

P. A. DE LA PORTE

Membro da Sociedade da Misericordia, Doutor em Theologia e Professor dogmatico na Universidade de Bordéus

VERSÃO DE FERNANDO D'AQUINO

Riem-se por ahi muitos de quem posue ainda o raro bom senso de acreditar no Diabo e seus maleficios. Não admira; a nuvem materialista pretende occultar-nos Deus, deve igualmente velar-nos a inferno e seus sinistros habitadores; sem isto já-mais poderá haver completo esquecimento da vida eterna que nos espera, e da suprema justiça de Deus que ha de julgar-nos.

Fazendo côro com os materialistas ouvese até quando em quando a gargalhada imprudente e irreflectida d'alguns que se teem na conta de bons catholicos, que dizem prestar assenso aos dogmas da Religião, mas que descreem do poder, astucia e malvadez do Diabo, e não sabemos se até mesmo da sua existencia!

Para desengano d'ons e outros o dr. P. A. de La Porte escreveu o livro precioso acima indicado, cujo traducção e impressão estão concluidas; livro que em Portugal, como aconteceu em França, ha de necessariamente despertar o interesse e curiosidade de todos, ainda os mais scepticos ou indifferentes. A posição do auctor é garantia sufficiente do merito e orthodoxia do livrinho; e pela enumeração e indicação dos capitulos poderse-ha anticipadamente avaliar quanto são curiosas e importantes as materias que n'elle se contém Ell-os.

I—Importancia da questão.

II—É certo existir o diabo?

III—Os espiritos rebeldes ao cairem do céu não perderam tudo?

IV—Se os espiritos maus estão no inferno como podem pertnbar a terra?

V—Os espiritos maus são responsaveis por todos os maleficios que se lhes atribuem?

VI—Mas, que interesse tem o diabo em nos fazer mal?

VII—A religião do diabo.

VIII—Um homem sensato pôde acreditar hoje em feitiços?

IX—Não é possivel explicar d'um modo natural os factos reputados diabolicos?

X—O que é um pacto com o demonio?

XI—O diabo tem chifres e pés de bóde?

XII—O diabo é propheta?

XIII—O diabo é medico?

XIV—Das relações com os espiritos maus, ou do espirito ritismo.

XV—Homens muito dignos creem na intervenção dos espiritos bons; commette erro?

XVI—Espiritismo e evocação dos mortos.

XVII—Excellentes christãos julgam poder obrigar as mesas a fazer vaticinios, não tendo ainda a Igreja decidido nada a tal respeito.

XVIII—É, peccado grave conversar com os espiritos, com tanto que se não sacrifique a fé?

XIX—Que differença ha entre alucidez magnetica e o espiritismo.

XX—O diabo o é chefe das sociedades secretas?

XXI—O que é tentação diabolica?

XXII—O que é estar possesso do diabo?

XXIII— que é o exorcismo?

XXIV—Os fieis teem meios de combater o diabo?

XXV—Agua benta, signal da cruz e reliquias.

XXVI—Na lucta contra o demonio qual é a vantagem do estado de graça?

XXVII—Pão dos fortes.

XXVIII—Maria, socorro dos christãos.

XXIX—Da assistencia angelica.

XXX—Sorte final dos vencedores e vencidos.

XXXI—Aviso aos que crêem e aos que não crêem.

APPENDICES

A— Todos os espiritos advinhos são reprobos?

B—Transmigração das almas.

C—Advogados do diabo no seculo XIX.

Para que este util e curioso livrinho possa chegar a ter entre nós a diffusão que teve em França, onde se esgotaram já seis edições, arbitramos-lhe um preço relativamente modico, e offerecemos a commissão de vinte por cento a quem quizer incumbir se da distribuição d'alguns exemplares e cobrança das respectivas importancias, ficando por isso considerado nosso correspondente. Todas as requisições, excepto as dos correspondentes, deverão vir acompanhadas do seu importe, em vale do correio ou estampilhas de 25 reis, em carta franquiada para o editor Padre Luiz Pereira de Sampaio, Travessa de S. Bartholomeu n.º 1.— LISBOA.

PREÇO 300 REIS.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO

Rua de Jano N.º 1—1.º andar.